

O (in)traduzível e a escrita tradutória em *The gospel according to Jesus Christ*

Tânia de Azevedo

Élida Paulina Ferreira

Submetido em 20 de setembro de 2013.

Aceito para publicação em 1º de setembro de 2015.

Cadernos do IL, Porto Alegre, n.º 51, dezembro de 2015. p. 37-50

POLÍTICA DE DIREITO AUTORAL

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- (a) Os autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Creative Commons Attribution License, permitindo o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria do trabalho e publicação inicial nesta revista.
 - (b) Os autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
 - (c) Os autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado.
 - (d) Os autores estão conscientes de que a revista não se responsabiliza pela solicitação ou pelo pagamento de direitos autorais referentes às imagens incorporadas ao artigo. A obtenção de autorização para a publicação de imagens, de autoria do próprio autor do artigo ou de terceiros, é de responsabilidade do autor. Por esta razão, para todos os artigos que contenham imagens, o autor deve ter uma autorização do uso da imagem, sem qualquer ônus financeiro para os Cadernos do IL.
-

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

<http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/index>

Segunda-feira, 18 de janeiro de 2016

23:59:59

O INTRADUZÍVEL E A ESCRITA TRADUTÓRIA EM *THE GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST*

THE UNTRANSLATABLE AND TRANSLATION WRITING IN *THE GOSPEL ACCORDING TO JESUS CHRIST*

Tânia de Azevedo*
Élida Paulina Ferreira**

RESUMO: *Esse trabalho apresenta uma reflexão sobre a questão da (in)traduzibilidade a partir da concepção de tradução do autor Jacques Derrida, abordando a problemática da escrita tradutória em face da tradução não transparente do nome. Em The Gospel according to Jesus Christ, Pontiero traduz Saramago. O que se observa na tradução é que o texto traduzido transforma o chamado original, o que nos permite discutir uma nova concepção de tradução e suas contribuições para estudos da linguagem. Esse artigo visa a contribuir com estudos já realizados (OTTONI, 2005; FERREIRA, 2003, 2009; SISCAR 2000, SILVA, 2006; dentre outros) no Brasil, ampliando a discussão ao abordar também as questões de linguagens e representações.*

PALAVRAS-CHAVE: *Jacques Derrida; tradução; (in)traduzibilidade.*

ABSTRACT: *This work presents a reflection on the question of the (un)translatability under the conception on translation conceived by Jacques Derrida. It is approached, specifically, the problem of the translation writing facing non-transparency while translating a name. In The Gospel according to Jesus Christ, Pontiero translates Saramago. It is observed in the translation that the translated text transforms the so called original, which allows us to argue over a new conception on translation, as well on its contributions to language studies. This work seeks to contribute to the studies that have already been carried out (OTTONI, 2005; FERREIRA, 2003, 2009; SISCAR 2000, 2006; SILVA, 2006; among others) in Brazil, improving discussions by considering the questions of language and representation as well.*

KEYWORDS: *Jacques Derrida; translation; (un)translatability.*

1 Introdução

*Ora, não creio que nada seja sempre intraduzível – nem traduzível, aliás.
(DERRIDA, 2000, p. 18)*

O aparente paradoxo da epígrafe se relaciona à concepção de tradução como transformação, concebida pelo filósofo Jacques Derrida. Para o autor, na tradução, há transformação porque não há sentido fixo, dado, e a significação acontece em face do

* Bolsista CAPES, Programa de Mestrado em Letras – Linguagens e representações. Mestre pela Universidade Estadual de Santa Cruz, pvilaverde@hotmail.com.

** Professora na Universidade Estadual de Santa Cruz, doutora pela Universidade Estadual de Campinas, Universal CNPq (processo 484879/2011-1), epferreira@uesc.br.

aspecto diferencial da língua e do que Derrida nomeia como *différance*¹. Na base da aporia traduzível/intraduzível está a desconstrução do signo saussuriano e a impossibilidade do que Derrida nomeia como *significado transcendental* (DERRIDA, 2001b).

Poderíamos, assim, formular a questão: ora, se não há um significado em si (transcendental, portanto), dado em uma origem, uma possível consequência para a tradução é que teremos de lidar sempre com a impossibilidade de resgate pleno do chamado original. O sentido não estava lá na origem para ser pura e simplesmente resgatado na tradução. Essa falta na origem, portanto, responderá pelo caráter traduzível e intraduzível de toda tradução, que tanto nos interessa nesse trabalho.

Dessa perspectiva, a responsabilidade de traduzir deve se comprometer com o fato de que sempre haverá transformações entre as línguas envolvidas na tradução e o inexorável desafio ao suposto significado transcendental. Esse desafio conduz à convivência, sempre intranquila, entre a própria tradução, o texto, a língua e o tradutor, levando qualquer concepção de tradução ao limite de suas possibilidades, uma vez que a condição de possibilidade da tradução, em qualquer experiência tradutória, é sempre uma experimentação, pelo tradutor, do indecível (DERRIDA, 2000).

Ademais, no ato tradutório, língua e tradução se implicam, pondo à prova a oposição traduzível/intraduzível e evidenciando a falta de um significado em si (DERRIDA, 2009), como afirmamos anteriormente. A apropriação do texto pelo tradutor promoverá transformação e fará diferir o texto que teve como original, o que nos revela uma possibilidade de pensar a tradução a partir das escolhas do tradutor, escolhas que denunciam a assinatura do texto traduzido. Essa assinatura traz algo novo e, ao mesmo tempo, não se desvencilha do original.

A partir dessa perspectiva, propomos, então, refletir sobre o que Derrida chama de traduzibilidade e intraduzibilidade e seus limites. Avaliaremos, em específico, a problemática da escrita tradutória face à tradução não transparente que os nomes parecem evocar. Para refletirmos sobre o funcionamento da escrita tradutória considerando a transformação entre as línguas, partiremos da tradução de Giovanni Pontiero (*The Gospel according to Jesus Christ*) em face da língua de Saramago que, supomos, nos conduzirá à questão crucial da (in)traduzibilidade em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, a começar pela condição (in)traduzível da própria língua.

2 A Língua e suas condições de (in)traduzibilidade

A nossa hipótese, como apontado anteriormente, é de que há relação entre a (in)traduzibilidade na tradução e a própria impossibilidade de existência da língua na sua totalidade indivisível, ou seja, uma língua não se entrega a sistematizações conceituais prontas e definitivas.

A própria língua seria o elo entre a impossibilidade do significado pleno e o próprio acontecimento da significação. Assim, defende-se a hipótese segundo a qual um ato qualquer de busca pela significação, tanto quanto de tradução, é, eminentemente, um ato que não se separa da língua.

Mas o que é língua? Derrida (2001a) afirma que

¹ *Différance*: Sobre a relação estabelecida entre esse vocábulo e as questões que levanta, sugerimos a leitura derridiana em: *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 2008; *Posições*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

[u]ma língua não existe. Pretensamente. Nem a língua. Nem o idioma nem o dialeto. Esta é aliás a razão pela qual nunca se poderão contar essas coisas e a razão pela qual se, num sentido que passarei a explicitar, não se tem nunca senão uma língua, este monolingüismo não faz um consigo mesmo (DERRIDA, 2001a, p. 97).

Derrida faz referência à antinomia que propõe em seu texto: “[t]emos senão uma língua, mas ela não nos pertence”. A partir dessa assertiva, discute que não há a unicidade da língua, já que nunca nos apropriamos dela completamente. Nota-se que, apesar da afirmação extremada de que *uma* língua não existe, é importante perceber que a problemática é de que a língua não forma *um* com ela mesma (FERREIRA, 2009). Ou seja, a língua não existe enquanto tal, ou como sistema fechado; é como se afirmou anteriormente, sempre um ato. A conceituação do tipo “a língua é...” conflita com o seu caráter dispersor e não comporta a proliferação do sentido. Não temos garantias de que ela, a língua, seja tomada plenamente e, se há de fato *uma* língua pura, essa parece, na verdade, oferecer resistência à apropriação.

Segundo Derrida (2001a, p. 43), “[u]ma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada, não, apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação”. Em consonância com essa concepção, além de nos prevenir sobre uma improvável apropriação plena, nos leva a admitir, também, um provável movimento sucessivo antes de significar qualquer marca na língua. Esse movimento sucessivo traduz uma busca por significação e evidencia o trabalho infindável com o corpo das línguas, por vezes, no limite do intraduzível. Dessa forma, inversamente ao que é pensado tradicionalmente, pode-se falar em intraduzibilidade tanto quanto em traduzibilidade. Segundo Otávio Paz (2009),

[t]udo isso deveria ter desanimado os tradutores. Não tem sido assim: por um movimento contraditório e complementar, se traduz mais e mais. A razão desse paradoxo é a seguinte: por um lado a tradução suprime as diferenças entre uma língua e outra; por outro, as revela mais plenamente: graças à tradução, nos inteiramos de que nossos vizinhos falam e pensam de um modo distinto do nosso. Em um extremo o mundo se apresenta para nós como uma coleção de heterogeneidades; no outro, como uma superposição de textos, cada um ligeiramente distinto do anterior: traduções de traduções de traduções. Cada texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original, porque a própria linguagem em sua essência já é uma tradução: primeiro, do mundo não-verbal [...] (PAZ, 2009, p. 13).

Essa situação paradoxal trazida por Paz coloca em cena as heterogeneidades e o papel da tradução diante desse cenário. Por essa razão, o pensamento que preserva o significado puro e transparente entra em conflito com um movimento complexo de que, apesar das diferenças e justamente por causa delas, é possível perceber que nenhum texto é inteiramente original. A visão apresentada por Paz entra em consonância com o pensamento filosófico de Jacques Derrida no que diz respeito ao modelo de escrita tradutória. A concepção derridiana que traz inovação para essa escrita está intimamente ligada ao processo da desconstrução.

Para Derrida (1985), pensar a escrita tradutória é também aceitar como válido o ponto de vista de tradução como transformação das línguas envolvidas. Por ser transformação, podemos considerar que as mesmas e prováveis singularidades que fazem

com que cada texto traduzido se transforme e seja único podem, também, nos dar indícios sobre as consequências dos momentos em que iremos atestar sua (in)traduzibilidade.

Por esse ponto de vista, o ato tradutório não nos dá garantias de que haja um retorno a algum princípio significativo e que esteja fixado em algum elemento da língua, uma vez que nas línguas não há como identificar um absoluto ou sua pureza, e o mesmo deve ser considerado para a tradução. Isso porque o corpo da língua posta em tradução, bem como o seu material linguístico, se realiza em ato e depende das forças de apropriação do sujeito tradutor. Da mesma forma, a plenitude do conceito “língua” será sempre diferida, pois terá que ser traduzida, por uma linguagem econômica, em uma língua ou idioma, como muitas vezes nos referimos. Não se trata simplesmente de metalinguagem, mas da ausência do absoluto da língua e da significação.

Quando se faz referência, nesse trabalho, ao intraduzível das línguas, não se trabalha com a dualidade traduzível x intraduzível, tanto quanto a suposta “dificuldade” em tradução não se refere à intraduzibilidade de seus termos, ou a traduzibilidade não denota “facilidade” para traduzir. Poderíamos até considerar, de uma perspectiva diferente do eminente tradutor, que as dificuldades em tradução podem começar com as armadilhas do que é traduzível (RÓNAI, 1956).

Com Derrida, percebemos que, entre a tarefa do tradutor e a (in)traduzibilidade, existe uma relação difícil que partilham as línguas envolvidas na tradução. Essa complexidade deveria ser pensada para além de processos mecanicistas ou dicotômicos. Nas palavras de Derrida (2006),

[...] a tradução não é o resultado de um processo automático, uma vez que, nas escolhas que se opera nas várias palavras, nas várias expressões, o tradutor faz uma obra própria, mas, é claro, não poderia modificar a composição da obra traduzida, pois nutre um profundo respeito com a obra (DERRIDA, 2006, p. 54).

Há o respeito ao texto original, “mas o tradutor faz uma obra própria”. Ademais, Derrida aponta para o fato de que a intervenção do tradutor mostra que a tradução “não é o resultado de um processo automático”. Então o que é? Derrida (2006) argumenta:

[s]e o tradutor não restitui, nem copia um original, é porque esse original sobrevive e se transforma. A tradução seria, na verdade, um momento de seu próprio crescimento; ela se completaria ao se acrescentar. [...] E se o original exige um complemento, isto acontece porque, com toda certeza, a origem não estava lá, plena, completa, total, idêntica a si (DERRIDA, 2006, p. 44).

Em primeiro lugar, notemos que “se o tradutor não restitui nem copia” é “porque a origem não estava lá, plena, completa, total, idêntica a si mesma”. Ora, mais uma vez, Derrida põe em xeque o chamado significado transcendental, apontando para o fato de que a constituição do significado se dá numa rede de substituições e diferenciações da suposta origem (DERRIDA, 2006). Essa condição nos põe, portanto, diante de algo da ordem do (in)traduzível.

Em segundo lugar, há o acontecimento da tradução, ou seja, apesar do processo de diferimento da origem e do original, a tradução se materializa, evidenciando o *double-bind*: necessidade e impossibilidade de traduzir (FERREIRA, 2003). O tradutor, dessa perspectiva, lidará com a transformação, com o (in)traduzível e com a tradução.

Diante dessa injunção, será possível a tarefa do tradutor? Sob quais limites a nova obra que surge a cada tradução se liga com a obra traduzida? Silva (2006) nos sugere que

[u]ma tradução já não é mais o texto original e não chega ainda a ser um novo texto, completamente autônomo, pois ainda se vincula, de alguma forma, ao texto a partir do qual foi criada. Um paradoxo que temos de suportar, e seria ele um método retórico, eu diria, que opera pela reduplicação e confrontação dos termos apresentados, seja sob forma de paralelismos, inversões, contraposições, ou mesmo pela referência direta a uma duplicidade ou alteridade (SILVA, 2006, p. 108).

A possibilidade de ser original, de existir como original, só será possível pelo jogo das diferenças que ele produz, no que a tradução preservará sua originalidade, diferentemente da proposta traduzido/original – sendo “original” uma noção unívoca de sentido. Tal implicação fará refletir mais laboriosamente uma possível unidade de linguagem sem esquecer o quanto sua operação de tradução pode relevar seus limites antes de uma escolha que definirá sua escrita. A eficácia dessa decisão se revela como sendo um dos momentos inquietantes para qualquer tradutor. A redução em uma palavra daquilo que línguas escondem ou revelam pode angustiar o tradutor. Mesmo considerando que a tradução seja a transformação de afinidades nunca presentes ou ausentes entre as línguas, Derrida (2000) nos apresenta um exemplo de como sua tradução do trecho “*When mercy seasons justice*”, contido em *O mercador de Veneza* de Shakespeare, também não garante uma decisão satisfatória. O autor argumenta que

[...] acumulei razões demais para dissimular a minha escolha velada pela melhor tradução possível, a mais econômica, já que permite traduzir tantas palavras, até mesmo tantas línguas, denotações e conotações em uma única palavra. Não estou seguro que tal transação, mesmo sendo a mais econômica possível, seja digna do nome de tradução, no sentido estrito e puro dessa palavra, se é que isso existe. Seria mais uma dessas outras coisas em *tr.*, uma transação, uma transformação, um trabalho, “*une travail*”, um “*travel*” – e um achado (porque essa invenção, se parecia também revelar um desafio, como se diz, consistiu somente em descobrir o que esperava, ou que estava adormecido na língua). [...] (DERRIDA, 2000, p. 41).

A tradução possível, em sua economia, fará com que sempre ocorra algo novo no texto. Essa nova descoberta que a escritura tradutória inscreve transforma o original, pois seu ponto de partida é um texto original que não apresenta uma possibilidade de identificação em si mesmo para que, então, a tradução aconteça. Assim,

[...] a melhor tradução deve transformar a língua de chegada, isto é, ser ela mesma escritura inventiva, e assim transformar o texto. Quanto mais fiel é uma tradução, como se diz – ou seja, mais de acordo com a singularidade da assinatura do texto original – mais transforma sua própria língua: e o tradutor assina ainda mais seu texto² (DERRIDA, 1999, p. 62).

A assinatura singular do tradutor será dada após sua apropriação do texto no momento de leitura e, ao operar com os momentos de resistências textuais, essa experiência em tradução, a mais relevante possível, poderá dar provas de que ser traduzível poderá ser, ao mesmo tempo, intraduzível. Pela especificidade da escrita

² Tradução nossa: “[...] la mejor traducción debe transformar la lengua de llegada, es decir, ser ella misma escritura inventiva, y así transformar el texto. Cuanto más fiel es una traducción, como se dice – o sea, más acorde con la singularidad de la firma del texto original – más transforma su propia lengua: y más firma su texto el traductor.”

tradutória, a traduzibilidade e a intraduzibilidade são levadas ao limite de suas condições nos momentos de apropriação textual pelo tradutor e necessitam, portanto, uma ampliação de seu entendimento.

A escrita tradutória é paradoxal e estará numa constante tensão nos limites do traduzível/intraduzível. Ademais, o tradutor deverá sempre promover uma “renegociação com o acontecimento da origem” (SISCAR, 2000, p. 62), com o desejo de encontrar uma origem “que nunca esteve lá”.

E o que dizer da língua de Saramago e do tratamento que ele dá ao sagrado em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo*, tudo isso na tradução de Giovani Pontiero em *The Gospel According to Jesus Christ*?

3 Pontiero traduz Saramago

A narrativa sobre o nascimento, a vida e a morte de Jesus Cristo é bastante recorrente nas religiões cristãs e, na recriação em *O Evangelho Segundo Jesus Cristo* de José Saramago, os limites entre os fatos da história contida nos Evangelhos e a construção da ficção literária são problematizados. Dessa forma, são criadas situações de limite para a tradução, pois, nas situações de conflito entre ficção e texto sagrado, o tradutor terá que reler nesse conflito o que seria estritamente ficcional para traduzir. Aliado a esse ponto de vista, existe o fato de que essa obra literária abriga uma habilidade autoral em descentralizar discursos ao criar efeitos com palavras que constantemente resvalam no discurso bíblico. Tal habilidade irá liberar, por sua vez, um jogo de presença ou ausência de uma verdade preexistente que a tradução de Pontiero poderá ou não neutralizar.

Apesar de que o texto histórico-bíblico seja consagrado, a existência desse referencial enquanto linguagem não estará imune aos seus efeitos (in)traduzíveis; assim sendo, aquilo que a escrita autoral anuncia não se concilia necessariamente com o que tenha sido considerado *verdadeiro*. A produção de sentidos por essa *não-verdade* multiplica esse caráter referencial, e o foco autoral, apesar de fictício, em determinados momentos, implica uma sólida raiz no sagrado e coloca seu tradutor em xeque. Isso porque a leitura dessa obra provoca tanto o afastamento quanto a aproximação do que é dado pelos planos da ficção literária-fictícios e do texto sagrado; porém, quando a aproximação com o texto bíblico acontece, a linguagem irônico-dramática do escritor, indiretamente, polemiza os preceitos cristãos.

Essa linguagem desafiadora do romancista é um artifício a mais, dentre os já provocados pela própria linguagem, criando um desafio adicional para a tradução. Não poderemos, portanto, simplesmente assumir ou descartar o texto sagrado referente. Assumir sua desnecessidade seria a negação da propagação da disseminação do sentido.

A expansão dos estudos desses efeitos e sua manifestação na escrita tradutória não trazem por intenção sugerir que possamos descrever sistematicamente o funcionamento da escrita tradutória; mas, ao contrário: a partir das situações que descrevermos, consideramos que, no limite do (in)traduzível, pela análise das opções do tradutor, é que poderemos levantar traços que são inerentes à escrita tradutória.

O tradutor do *Evangelho* de Saramago, Giovanni Pontiero, dedicou-se a traduzir autores de língua portuguesa e é especialmente lembrado por traduzir obras de dois escritores em especial, Clarice Lispector e José Saramago (ESTEVES, 2009). Por suas traduções, recebeu os seguintes prêmios: Prêmio de Tradução Camões (1968); prêmio Rio Branco (1970); *Foreign Fiction Award* do jornal *The Independent* (1993); prêmio

Teixeira-Gomes do Governo Português (1995). Além de prêmios recebidos por suas traduções, Pontiero consta em 32º lugar na lista de tradutores das *50 outstanding translations from the last 50 years*.

Segundo Juan C. Sager (2003), Pontiero é o responsável por introduzir as obras de José Saramago no mundo anglófono, sendo *Memorial do Convento (Baltazar & Blimunda)* a primeira obra por ele traduzida e lançada nos Estados Unidos em 1987, e na Inglaterra em 1988. Após esse ponto de partida, iniciou-se um longo período de diálogos entre autor e tradutor para que fossem solucionadas, na tradução, as “passagens obscuras” (SAGER, 2003, p. 113) dos romances em português.

Diferentemente de Sager, que trata da recepção das traduções de Pontiero, nossa intenção nesse artigo é discutir as marcas da escrita tradutória e o comprometimento entre a língua do tradutor e do autor no processo de enfrentamento do que chamamos de (in)traduzível.

Os diálogos entre o romancista e seu tradutor questionam, propriamente, um “acontecimento de origem” “que nunca esteve lá”, e ele, Pontiero, deverá comprometer-se com a língua de Saramago e, nesse estudo, com a crítica à doutrina cristã que podemos ler na obra polêmica do autor português. Ao mesmo tempo, a escrita tradutória fará aparecer a questão da “economia” e das escolhas na tradução. Uma “economia” que não é da ordem do cálculo e da quantificação (DERRIDA, 2000), mas da ordem da diferença e da transformação. Nesse caso, Pontiero, com sua tradução transformadora, ensinará aos leitores o que lê do texto e no texto de Saramago. A experiência da tradução, no que diz respeito ao traduzível/intraduzível, irá comprometer a opção do tradutor, pois, mesmo diante da impureza e pluralidade de qualquer língua, ele deverá fazer *uma* opção frente à língua do outro, com o compromisso de manter um traço memorial com o texto de origem, que será quantitativamente diferente na obra traduzida. Nesse processo econômico, Pontiero praticará gestos de inclusões e exclusões³.

No trecho que segue, há uma exclusão pela qual iniciaremos nossa argumentação:

Jesus ajudou-o a firmar-se nas patas, ficaram-lhe as mãos húmidas dos humores da matriz da ovelha, mas ele não se importou nada, é o que faz viver no campo com animais, cuspo e baba é tudo o mesmo, este cordeiro vem em boa altura [...]. (SARAMAGO, 2005, p. 201).

Jesus helped to hold it steady on its feet, his hands sticky with the afterbirth from the sheep’s womb, but he did not mind for one gets used to these things when in constant contact with animals, and this lamb is arriving at the right moment [...]. (SARAMAGO 2008, p. 181, tradução de Pontiero).

Percebe-se que o tradutor, nos fragmentos acima, alterna momentos de exclusão de “cuspo e baba é tudo o mesmo” e a inclusão de “*constant*”. Em termos de efeito de sentido, notamos uma diferença de registro da linguagem utilizada de um nível, diríamos, mais chocante para um nível de uso mais padrão e ordinário da língua. Ou seja, a língua de Saramago está sendo modificada no inglês. Essa passagem e esse processo de transformação na tradução respondem pelo que estamos nomeando de (in)traduzível. Não se trata meramente de troca de uma palavra por outra, mas que o processo de tradução implicou dizer o mesmo, “que não estava lá”, de uma outra forma. A necessidade de transformação tem relação tanto com a língua de Saramago quanto com o texto sagrado,

³ Não apresentaremos todas as situações de inclusões e exclusões, apenas alguns exemplos que nos servirão de apoio para o nosso argumento.

ou a crítica do sagrado, que lemos na obra de Saramago.

Sem descartar o fato de que há sempre, na tradução, uma questão de economia entre as línguas envolvidas, chegamos a cogitar que talvez o uso de “*constant*” tenha sido essencial para dar força ao termo antecedente “*gets used to*”.

Outro aspecto que podemos apontar é a questão da oposição entre o sagrado e o profano e como esses aspectos estão se manifestando na linguagem, o que, no nosso entendimento, tem impacto importante sobre as escolhas de Pontiero. Há o sagrado, por exemplo, na inscrição do nome “Jesus”. Mas é um Evangelho, Segundo Jesus Cristo. Não há, no contexto histórico-cristão, um evangelho segundo Jesus Cristo. E essa é uma dobra interessante da obra de Saramago do ponto de vista da narrativa, mais especialmente do narrador. Quem fala no Evangelho Segundo Jesus Cristo? Essa situação não é simples de ser resolvida na tradução. Podemos dizer que, talvez, não traduzir “cuspo e baba é tudo o mesmo” deixa um resto para ser analisado em termos do discurso que se cruza entre o sagrado e o profano na obra, entre a língua de Saramago e a língua de Pontiero.

A escrita tradutória de Pontiero nos permite perceber que a obra apresentará para o público de língua inglesa uma imagem (LEFEVERE, 1992) diferente daquela da língua portuguesa. Isso é mesmo o que a tradução faz.

Quanto à questão da narrativa a que fazíamos referência, observamos, nas páginas iniciais:

O sol mostra-se num dos cantos superiores do rectângulo, o que se encontra à esquerda de quem olha, representando, o astro-rei, uma cabeça de homem donde jorram raios de aguda luz e sinuosas labaredas, tal uma roda-dos-ventos indecisa sobre a direção dos lugares para onde apontar, e essa cabeça tem um rosto que chora, crispado de uma dor que não remite, lançando pela boca aberta um grito que não podemos ouvir, pois nenhuma dessas coisas é real, o que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada (SARAMAGO, 2005, p. 7).

The sun appears in one of the upper corners of the rectangle, to the left of anyone looking at the picture. Representing the sun is a man's head which sends out rays of brilliant light and sinuous flames, like a wavering compass in search of the right direction, and this head has a tearful face, contorted by spasms of pain which refuse to abate. The gaping mouth sends up a cry we shall never hear, for none of these things is real, what we are contemplating is mere paper, and ink and nothing more (SARAMAGO, 2008, p. 1, tradução de Pontiero).

Aparentemente, nada de incomum se passa, embora com extensões, pontuações e enquadramento diferentes, a não ser que na tradução inclua-se a iconografia abaixo, que Pontiero faz aparecer na sua escrita:



Iconografia que precede a obra de Pontiero.

“O que temos diante de nós é papel e tinta, mais nada” diz Saramago. Porém, a tradução “ilustra” e apresenta a imagem da cena da crucificação de Cristo.

Na narrativa de Saramago, observamos dois momentos: um, em que a descrição é vívida e “real”; e outro, que contraria o primeiro e informa que se trata apenas de tinta e papel. O próprio narrador quebra um “clima” criado e chama a atenção do leitor para outro aspecto. Essa dualidade é atenuada na tradução com a introdução da iconografia. É fato que Saramago usa e abusa de contornos irônicos e paródicos que resvalam no texto bíblico, mas para dizer *outra coisa* e de *outro modo*. O texto de Saramago desconstrói, por exemplo, a figura de “Jesus”:

No meio das águas, Jesus, sem experiência do ofício, ele próprio rindo de sua falta de habilidade, atreveu-se, incitado pelos seus novos amigos, a lançar a rede, naquele largo gesto que, olhado de longe, se parece com uma bênção ou um desafio, sem outro resultado que quase ter caído à água de uma das vezes em que o tentou. Simão e André riram muito, já sabiam que Jesus só percebia de cabras e ovelhas [...] (SARAMAGO, 2005, p. 226-227).

Supondo haver um sentido próprio para um texto de origem Cristã, na leitura da obra de ficção, esse sentido próprio irá irremediavelmente ligar-se aos nomes bíblicos por causa de fortes e recorrentes sensações das marcas imprimidas aos nomes. Vale dizer que Saramago inscreve o nome Jesus que remete ao mito bíblico, mas apresenta-o completamente diferente. Esse jogo nem sempre é seguido pelo tradutor, como já o observamos e veremos mais adiante. Há, no jogo narrativo, algo da ordem do riso que afasta o personagem do mito histórico-bíblico, fazendo aparecer a invenção de Saramago. A tendência da escrita de Pontiero é seguir o mito bíblico que narra a vida de Jesus. Na visão de Saramago, o mito bíblico é recontado, retextualização, para dizer algo a mais e diverso do que ensina a tradição cristã.

Retomamos a questão do narrador. Se fosse preciso entender o que seria um “Evangelho” para então traduzi-lo, considerada a aproximação e o afastamento do literário com o bíblico, quem narra o “Evangelho Segundo São Marcos” é São Marcos. No caso da obra estudada, quem seria o narrador de uma obra por nome de “O Evangelho

Segundo Jesus Cristo” escrita por José Saramago? A pergunta não é tão fácil de ser satisfatoriamente respondida com a leitura e compreensão da obra. Saramago também joga com esse efeito, e, referindo-se aos evangelhos, narra:

Toda a história de Jesus que já conhecemos foi ali narrada, incluindo, até, certos pormenores que então não achámos que merecessem a pena, e muitos e muitos pensamentos que deixámos escapar, não porque Jesus no-los disfarçasse, mas simplesmente porque não podíamos, nós, evangelista, estar em todo lado (SARAMAGO, 2005, p. 257).

Jesus’s entire history as we know it was narrated there, even including certain details we scarcely considered worthwhile and countless thoughts which have escaped us, not because Jesus tried to conceal them because this Evangelist could not be everywhere at the same time (SARAMAGO, 2008, p. 234, tradução de Pontiero).

No momento da tradução, quem é “nós, evangelista”? E quem é Jesus? Se o evangelho é segundo Jesus Cristo? E qual é o lugar de Pontiero frente à assinatura de Saramago? Esse jogo complexo transforma, na tradução, “nós, evangelista” em “this Evangelist”, com letra capital. Afinal, quem assina em inglês? Essa opção de Pontiero nos diz algo do (in)traduzível e da tradução, da linha tênue entre o traduzível e o intraduzível.

Não se pode esquecer que no texto bíblico quem é chamado de O evangelista é Lucas. A esse propósito, avaliemos a seguinte passagem:

Já que muitos empreenderam compor uma narração dos factos que entre nós se consumaram, como no-los transmitiram os que desde o princípio foram testemunhas oculares e se tornaram servidores da Palavra, resolvi eu também, depois de tudo ter investigado cuidadosamente desde a origem, expor-tos por escrito e pela sua ordem, ilustre Teófilo, a fim de que reconheças a solidez da doutrina em que foste instruído. LUCAS, 1, 1-4.

Saramago, numa das epígrafes à sua obra, se apropria da fala de Lucas 1,1-4, do texto sagrado, para informar ao leitor que vai “compor uma narração dos factos” “como no-lo transmitiram”. Resolve, “depois de tudo ter investigado”, “expor-tos”. Ora, não nos parece haver dificuldades em associar esse Lucas com aquele do Novo Testamento, embora não tenhamos conseguido identificar de que versão o texto foi citado, ou se foi citado. Existe a possibilidade de que Saramago tenha usado uma versão do Novo Testamento dos Padres Capuchinhos que é bem *parecida* com o registro acima, mas não se pode garantir que foi ele – Saramago – quem escreveu, inscreveu ou apenas citou. A assinatura LUCAS, 1, 1-4, pode ser mais uma das peças que Saramago prega no leitor.

O texto em inglês assinado por Pontiero é,

Forasmuch as many have taken in hand to set forth in order a declaration of those things which are most surely believed among us, even as they delivered them unto us, which from the beginning were eyewitnesses, and ministers of the Word, it seemed good to me also, having had perfect understanding of all things from the very first, to write unto thee in order, most excellent Theophilus, that thou mightest hast been instructed. LUKE, 1, 1-4.

A tradução de Pontiero, na verdade, é *citação* da versão Oficial do Novo Testamento em inglês, conhecida por *King James Version*, palavra a palavra. Em tal caso, não nos parece que a escolha faça o jogo que lemos no texto de Saramago, visto que a

referência bíblica aparece na tradução como a oficial, autorizada, a qual, aparentemente, não coincide com a opção feita por Saramago n’*O Evangelho Segundo Jesus Cristo*.

Ocorre que o texto em inglês é, praticamente, uma autenticação. Afinal, de fato, Lucas escreveu algo, que hoje é instituído e é oficializado para a língua inglesa pela *King James Version*. A assinatura em inglês atesta a veracidade dos fatos, que Saramago desconstrói no seu livro, em português.

Há outros momentos do texto em que Saramago faz uso de citações explícitas de frases dos Evangelhos do Novo Testamento, de tal forma que o bíblico e o fictício ficam fundidos em uma só narrativa e perdem sua linha limítrofe. Tal movimento não é acompanhado por Pontiero, que sempre, nessas circunstâncias, citará o texto bíblico autorizado, qual seja: a *King James Version*.

Os fragmentos a seguir demonstram, por exemplo, a narração das palavras de João Batista. O trecho de Saramago é:

Eu baptizo-vos em água para vos mover ao arrependimento, mas vai chegar quem é mais poderoso do que eu, alguém cujas correias das sandálias não sou digno de desatar, que vos baptizará no Espírito Santo e no fogo [...] (SARAMAGO, 2005, p. 352).

O trecho no Evangelho Segundo São Mateus é:

E eu, em verdade vos batizo com água, para o arrependimento; mas aquele que vem após mim é mais poderoso do que eu, cujas alpacas não sou digno de lavar; ele vos batizará com o Espírito Santo, e com fogo. MATHEUS, 3:11.

A sutil diferença linguística não nos permite dizer se há uma cópia por parte de Saramago de alguma outra versão dos evangelhos diferente da que temos. O que podemos inferir é que, se existe o preenchimento com a narrativa saramagueana no texto histórico bíblico, esse preenchimento também pode estar presente nas escolhas linguísticas do escritor. Assim, podemos supor que o que está atravessando o texto bíblico é a assinatura de Saramago. Tais escolhas fazem com que o trecho da ficção preserve uma ideia de outro trecho que não lhe é idêntico linguisticamente. Na tradução dos trechos acima feita por Pontiero, temos:

I indeed baptize you with water unto repentance, but he who comes after me is mightier than I, whose shoes I am not worthy to bear, he shall baptize you with the Holy Ghost and with fire [...] (tradução de PONTIERO, 2008, p. 321).

No Evangelho Segundo São Mateus em inglês o trecho é:

I indeed baptize you with water unto repentance: but He that cometh after me is mightier than I, whose shoes I AM not worthy to bear He shall baptize you with the Holy Ghost and with fire. MATHEUS, 3:11.

A língua inglesa na versão desses trechos não evoca nenhuma diferença se comparados com a primeira tradução para o inglês dos Evangelhos em 1611. Em língua portuguesa, embora exista a provável intenção do autor em se utilizar de uma citação bíblica, ela se apresenta em meio a um espaço histórico multidimensional da ficção literária que a assinatura saramagueana criou. A opção de tradução, novamente, é *citação*, isto é, não há a tradução do trecho original de Saramago, mas a cópia do Evangelho da *King James Version*.

4 Considerações finais

A enigmática proposição para estudos sobre os limites da (in)traduzibilidade se compromete com a tradução em desconstrução e, certamente, não está imune à própria questão que lança. Essa tarefa está às voltas com a impossibilidade de sistematização da tradução e à própria dificuldade de sistematização do pensamento derridiano. Sendo assim, tanto possibilidades quanto impossibilidades de aplicabilidade e compreensão metódica podem ter permeado as discussões que lançamos.

Pois, como vimos, a tradução é sempre uma tarefa de transformação e de modificação da língua do outro, e revela, a cada momento, características de seus limites e, paradoxalmente, do seu acontecimento e do grande desafio que os tradutores enfrentam no seu trabalho belíssimo, como nos ensinam Benjamin (1980) e Derrida (2006). É uma tarefa complexa, pois guarda relações com a necessidade e a impossibilidade de traduzir (OTTONI, 2005), ao mesmo tempo em que traduz. Ao tradutor, cabe a conciliação, nem sempre tranquila das línguas em tradução.

Um aspecto interessante desse processo de conciliação é a produção de diferenças, evidenciadas pela escrita tradutória, o que nos permite demonstrar que a significação se dá efetivamente numa relação de diferenças, de *différance* (DERRIDA 2008). No caso específico estudado, as escolhas tradutórias de Giovanni Pontiero evidenciam a relação inexorável do tradutor com a língua do outro, fazendo aparecer o gênio da língua. O fato de que as opções tradutórias de Pontiero em *The Gospel According to Jesus Christ* terem se aproximado mais da narrativa bíblica tida por oficial na língua inglesa – e, por isso, afastando-se em muitos momentos da língua de Saramago e da relação desse escritor com o texto bíblico (Saramago é um crítico da tradição religiosa) – evidencia, nesse trabalho, que aquilo que podemos nomear por “as (in)traduzibilidades de Giovanni Pontiero” seria dizer de um vestígio de genealogia bíblica invadindo a sua tradução muito mais do que invadiu a ficção do original ou que foi mobilizada de maneira diferente. Eis a riqueza da tradução.

Não há, em nossa compreensão dos textos estudados, nos casos em que as opções de tradução marcam diferenças, como identificar a traduzibilidade pura, tão pouco a intraduzibilidade. O que o aspecto da assinatura evidencia nesse tipo de análise é que as questões de identificação do que pode ser considerado próprio da origem, através de um nome traduzido, podem estar traduzindo, na verdade, um desejo do tradutor que assina pela preservação da “verdade” de um registro em qualquer oportunidade discursiva na qual um nome citado da *King James Version* apareça. A ousadia de criar um nome, de nomear em casos nos quais há um registro patenteado por um discurso bíblico canônico, talvez tenha concorrido com as opções tradutórias e com as invenções de Saramago.

Então, nem mesmo os nomes próprios se oferecem à traduzibilidade plena. Sendo assim, traduzi-los e fazê-los significar algo não é simples. O fato é que não há garantias para que o Cristo que se lê e se compreende em português (no português de Saramago) evoque a mesma percepção de *Christ* para os leitores de língua inglesa a partir da tradução de Pontiero.

O estudo dos indecíveis em Jacques Derrida, como a traduzibilidade e a intraduzibilidade, e o confronto com a escrita tradutória de Giovanni Pontiero nos permitem dizer que, apesar da relação diferencial que se estabelece entre o original e a tradução, somos levados a considerar que a renovação autoral do texto traduzido, ao mesmo tempo, releva o original e o faz sobreviver. Por essa razão, entendemos que o choque entre os textos literário e sagrado reanimam, na tradução de Pontiero, uma

necessidade de tratamento mais conservador do texto bíblico pela citação da versão autorizada. Trata-se efetivamente da marca de Pontiero e de sua assinatura que aparecem em sua riqueza no texto produzido ao traduzir Saramago.

Assim, esse estudo procurou contribuir para o campo dos estudos da tradução no que diz respeito, principalmente, às assinaturas, aos nomes próprios, à tarefa do tradutor dentro de um processo diferencial da língua e de escrita tradutória. O que nos foi dado a ser compreendido é tão difícil na tradução quanto no original em português. Isso não remete apenas ao sujeito, enquanto tradutor ou crítico ideal, nem tampouco apenas à língua. Interpretar é lidar com a hipótese de haver um conteúdo comunicável e a tradução nos dá testemunho dessa tarefa árdua: a de aproximação e suplementação das línguas, oferecendo a possibilidade de anunciar algum sentido e o “fazer sair” de algum lugar, fazendo aqui uma clara referência aos *trans-* de tradução: transferência, transformação.

Evidentemente, a Tradução, em sua ampla dimensão, ainda necessita de estudos que contribuam para sua expansão dentro da área da linguagem e, por contrapartida, para melhorar a dimensão do que seria o papel do tradutor, uma vez que os tradutores seguem em uma espécie de carreira solo: “o tradutor é autônomo porque não há possibilidade de seu apagamento e é produtor de sentidos” (FERREIRA, 2000, p. 120). Cada estudo em Tradução pode, portanto, revitalizar o próprio papel do tradutor e de seu destino ao dizer o outro sem possibilidade de seu apagamento. O tradutor é produtor de sentidos e assina a tradução.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENJAMIN, Walter. A Tarefa do Tradutor (Die Aufgabe des Übersetzers). Trad. Maria Filomena Molder. *Gesammelte Schriften*, Frankfurt, IV, 1, 1980, p. 9-21.
- BÍBLIA SAGRADA. *Novo Testamento: português e inglês*. Trad. João Ferreira de Almeida. Tradução autorizada da *King James Version* em inglês. Gideões Internacionais, 1988.
- DERRIDA, Jacques. Des Tours de Babel. Trad. Joseph F. Graham. In: GRAHAM, Joseph F. *Difference in translation*. New York: Cornell University Press, 1985. p. 165-207.
- _____. O que é uma tradução “relevante”? (Conferência proferida no Encontro de Tradutores em Arles, França, em 15 de novembro de 1998). Trad. Olívia Niemeyer Santos. *ALFA - Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, 2000, p. 13-44.
- _____. *O monolinguismo do outro: ou a prótese da origem*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 2001a.
- _____. *Posições*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001b.
- _____. A Torre de Babel. In: SILVA, Francisco de Fátima da. *Às voltas com Babel: Derrida e a tradução (catacréstica)*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2006.
- _____. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- _____. A Estrutura, O Signo e o Jogo no Discurso das Ciências Humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Maruques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009. p. 407- 426.
- ESTEVEZ, Lenita Rimoli. Giovanni Pontiero, Tradutor de Saramago. *TradTerm*, USP, v. 15, 2009, p. 11-24.
- FERREIRA, Élide. Os desvios da tradução: três questões polêmicas em Francis Henrik

- Aubert. *ALFA - Revista de Linguística*, São Paulo, v. 44, 2000, p. 113-122.
- _____. *Jacques Derrida e o récit da tradu  o: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2003.
- _____. OTTONI, Paulo. (Orgs). *Traduzir Derrida: políticas e desconstru  es*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.
- _____. Tradu  o/Desconstru  o: um legado de Jacques Derrida. *Revista de Letras*, Unesp, v. 49, n. 2, 2009. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/letras/article/viewFile/2050/1678>>. Acesso em: 10 set. 2010.
- LEFEVERE, André. *Translating Literature: Practice and Theory in a Comparative Literature Context*. New York: Modern Language Association of America, 1992.
- OTTONI, P. *Tradu  o: a prática da diferença*. 2. ed. rev. Campinas/SP: Editora da Unicamp/FAPESP, 2005.
- _____. Derrida – A traduzir (Hegel). In: FERREIRA,   lida; OTTONI, Paulo. (Orgs.). *Traduzir Derrida: políticas e desconstru  es*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006. p. 103-115.
- PAZ, Otávio. *Tradu  o: Literatura e literalidade*. 2009. 18f. Ensaio. Tradu  o de Doralice Alvez de Queiroz. Edi  o bilíngue. Belo Horizonte: Universidade Estadual de Minas Gerais, 2009.
- RÓNAI, Paulo. *Escola de Tradutores*. 2. ed. Livraria São José: Rio de Janeiro, 1956.
- SAGER, Juan C. Las traducciones al inglês de las novelas de José Saramago creadas por Giovanni Pontiero y su recepción en Inglaterra. *Quaderns*, Revista de traducción, Barcelona, v. 10, 2003, p. 111-120.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____. *The Gospel according to Jesus Christ*. Trad. Giovanni Pontiero. London: Vintage, 2008.
- SILVA, Francisco de Fátima da. *  s voltas com Babel: Derrida e a tradu  o (catacr  stica)*. Tese de Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2006.
- SISCAR, Marcos. Jacques Derrida, o intraduzível. *ALFA - Revista de Lingu  tica*, UNESP: São Paulo, v. 44, 2000, p. 59-69.
- _____. O lugar institucional da tradu  o: traduzir, não traduzir, resistir    tradu  o Derrida. In: FERREIRA,   lida; OTTONI, Paulo. (Orgs.). *Traduzir Derrida: políticas e desconstru  es*. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006. p. 51-60.
- VIII Pr  mio Giovanni Pontiero*. Disponível em: <<http://www.portugalconvida.net>>. Acesso em: set. 2012.